

RACISMO: UM PROBLEMA QUE NÃO É PÁGINA VIRADA

GERSON LUIZ HENKEL
IGOR AIRTON DE SOUZA
RAIED ISSA SAID MIZHER

Resumo

Este estudo aborda um tema que foi e ainda é muito presente na história da sociedade: o racismo. As diversas formas de pensamento demonstradas permitem refletir e perceber que as cicatrizes provocadas pelo racismo estão enraizadas na cultura e na forma de tratar os povos negros e índios. A consciência referente ao valor de tais populações deve passar por fortes mudanças para que haja uma nova concepção da importância social, cultural e histórica. Para a construção deste artigo foram utilizados métodos qualitativos e indutivos. Desta forma, demonstra-se que a dívida histórica não está paga, e princípios como respeito e reconhecimento são fundamentais para atenuar as linhas que separam as diversas culturas.

Palavras-chave: Racismo. Cicatrizes. Cultura. Reconhecimento.

1 INTRODUÇÃO

O racismo se torna evidente nos tempos de colonização europeia, quando se existia subordinação e escravidão propriamente dita nos povos colonizados por eles. Além da escravidão por colonização, havia o comércio de negros - o tráfico negreiro - para outras nações.

Esse período de escravidão foi marcado por práticas violentas, especialmente para com os indígenas nativos e os negros africanos, trazido ao país. E, mais tarde, ao negro brasileiro. Mesmo após a abolição da escravidão (1888), não houve qualquer tentativa do Estado de inserir os ex-escravos com respeito e dignidade na sociedade, no mercado de trabalho, no âmbito cultural ou, sequer, esforços para garantir seu bem-estar social. Em

vista disso, nota-se, nos dias de hoje a pobreza, o preconceito e a falta de oportunidade a essa parcela da população.

Mesmo as teorias racistas sendo negadas no âmbito político nacional, a sociedade mostrava de forma absoluta que de fato existia. Portanto, o que leva à cega propagação da inexistência desta dívida histórica? O Estado percebendo a realidade racial do país, maquiou o discurso racista para levantar as bandeiras da democracia racial e do embranquecimento? A realidade não mudou! As desigualdades nas condições de vida e de trabalhos continuaram. O negro foi sendo escoado para uma miséria social, educacional e de direitos, sempre teve que se contentar com o mínimo e nada do que fizesse poderia lhe fazer mudar de vida, pois o preconceito sempre foi mais relevante para as pessoas.

Nesse sentido fica claramente nossa dívida histórica com essa raça que hoje é parte maior da população brasileira, a qual nos formou com sua cultura, seus trabalhos físicos e intelectuais, e bravamente não fez do preconceito e racismo uma desculpa, mas sim uma motivação, para que possa gozar de seus direitos, dignidade e igualdade, pois acima de tudo somos todos uma só nação, um único povo, ou seja, o povo brasileiro.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 RAÇA OU RACISMO.

O racismo é algo que nos acompanha durante nossa história, afirma a superioridade de um grupo racial sobre outros, não pensando somente na cor, mas também nos povos e nacionalidades. Acreditar que diferenças genéticas entre as raças ou as diferenças de características anatômicas entre as pessoas, é algum tipo de fator que lhe dá determinadas qualidades específicas é certamente um grande equívoco. (SANTOS, 1980).

Historicamente esse dualismo é reportado de diversas formas, seja na definição entre a vida e a morte, o bem e o mal, o certo e o errado. O simbolismo das cores teve grande expressão por questão cultural dos

colonizadores das terras no passado. A África sendo colonizada, seu povo serviu como escravo aos europeus, que já se deparavam com uma sociedade hierárquica, assim praticando a escravidão ou a servidão dos povos conquistados. (GUIMARÃES, 2008).

No Brasil colônia os portugueses usavam o termo “negro da terra”, aos índios, diferenciado dos somente “negros” que eram da África. Mais tarde, na primeira metade do século XIX, na Bahia registraram-se dois termos raciais principais: “preto” para africanos, e “criolos” para negros nascidos no Brasil. Já na segunda metade do século, porém o “negro” deixa de se designar a “cor” e passa a ter um significado racial e pejorativo (GUIMARÃES, 2008).

Há uma hierarquização, uma sociedade hegemônica que alimenta as desigualdades sociais, omitindo da população preta o acesso aos seus direitos, deixando-a à margem, em situação de risco e vulnerabilidade social. Naturalizando, diariamente, a morte dos jovens negros, que continuam tombando diante de um quadro generalizado de violência e opressão (SANTOS, 2020).

2.2 PRECONCEITO NO BRASIL.

Para a psicologia, o preconceito deriva de modo específico de construir divisórias de um grupo a partir de marcas que são entendidas como raciais; a sociologia problematiza o preconceito quando, grupos sociais e marcas raciais, definem ou reproduzem um grupo. Os primeiros sociólogos deixaram claro que a democracia abomina grupos sociais, distinções devem ser de natureza puramente individual e pessoal (GUIMARÃES, 2008).

Segundo o entendimento de Santos (1980), não havia ódio entre as raças, não havia distinção de classe regida pela cor, os mestiços estavam se introduzindo lentamente, mas progressivamente à sociedade e a cultura. Na prática não havia preconceito, era mais reflexão dos desafetos do que a realidade propriamente dita.

Descrevendo um pouco sobre racismo no Brasil dizia ainda, Santos (1980, p. 41): “Nós brasileiros, quando somos pilhados em flagrante de racismo nos assustamos, reagindo, de imediato, contra quem denuncia”.

Mudaram as aparências, mas a essência das relações sociais não mudou. A atitude do Estado para a situação do negro “liberto” sempre foi omissa: a miséria material, a discriminação e a humilhação vividas pelos afrodescendentes são reduzidas à culpa deles mesmos, por meio de uma manobra ideológica que transforma o que é da esfera das relações de poder em algo natural, inerente à raça (NUNES, 2006).

O racismo está impregnado em nossa cultura assim como nossas raízes, todo dia centenas de casos acontecem, sejam de discriminação racial ou tortura contra negros. Essa mentira que grande parte dos brasileiros acredita que exista “democracia racial” surge das elites que governam e precisam fantasiar essa situação. Essa classe dominante necessita desse simbolismo para manter seus privilégios e poder dormir em paz (SANTOS, 1980).

2.3 SOCIEDADE MESTIÇA.

As feridas na sociedade ainda estão sangrando, o preconceito se difundiu em meio de dizeres mais sofisticado como exemplo: “pessoas de boa aparência”, quando anúncios de trabalho exigiam pessoas brancas. A sociedade acaba migrando a população negra para classes sem condições mínimas de viver, muitas vezes em favelas sem condições básicas de saúde e higiene.

O negro vítima de um ciclo vicioso, vive nas favelas por não ter dinheiro para alugar uma casa em áreas habitáveis, por sua falta de emprego, já sua falta de emprego decorre de sua falta de aptidão, que logo vem por falta de instrução adequada e preparo técnico, que se deve a falta de recursos financeiros (NASCIMENTO, 2016).

O negro teve uma participação fundamental na construção de nossa cultura, bem como no desenvolvimento do país. Houve o que chamaram de

“embranquecimento” de determinados negros intelectuais, os quais fizeram nomes na história, entre eles, por exemplo: Aleijadinho (1730 – 1805), Luiz Gam (1830 – 1882), Cruz e Souza (1861 – 1898), Manuel Quirino (1851 – 1923) e Mario de Andrade (1893 – 1945), são nomes que lutaram muito pelo seu povo e a introdução na cultura brasileira de valores estéticos, idéias híbridas e mestiças, para que pudessem sentir-se mais confortáveis (GUIMARÃES, 2008).

Na realidade mais inicial: se o branco renega o negro e o insulta, é por simples e primária superstição. A superstição grosseiramente de negro com o mal está enraizada na cultura do povo, mas esse pensamento retrógado vem perdendo força pelo na sociedade em geral de fato, deram-se conta de que o negro ajudou muito na construção da nossa história, seja como intelectual, como citado anteriormente, ou até mesmo nos trabalhos em plantações nas fazendas no passado, mas sua existência como pessoa, que é, foi fundamental para nossa história (ANDRADE, 1938 apud GUIMARÃES, 2008).

Nascimento (2016, p. 113), nos faz refletir sobre o sistema educacional como aparelho de controle brasileiro:

Se consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória Africana, parte inalienável da consciência brasileira, no currículo escolar? Aonde e quando a história da África, o desenvolvimento de suas culturas e civilizações, as características do seu povo, foram ou são ensinadas nas escolas brasileiras? Ao contrário, quando há alguma referência ao africano ou negro, é no sentido do afastamento e da alienação da identidade negra.

O ensino educacional está falhando no que diz respeito à cultura negra, e não somente o ensino, mas também a estrutura econômica, social e política do Brasil operam contra os interesses dos negros.

2.4 GENTE DA GENTE.

Uma reflexão rápida em um dos nossos estados visto como símbolo ao negro, também nos traz traços de discriminação com a raça negra. A Bahia com sua história e cultura com a escravidão, tem negado suas raízes conforme apresenta (NASCIMENTO, 2016, p.116).

[...] Anteriormente já demonstramos a espécie de tratamento que o descendente africano recebe na escura Bahia que algum espírito sarcástico cognominou de “estado africano” do Brasil. Pois até mesmo aqui a sociedade vigente escolheu negar seu destino “africano” e manter na periferia a maioria absoluta de negros e mulatos.

Até mesmo no estado que a cultura africana deitou raízes seculares, o descendente africano sofre com a discriminação, e para ter acesso à escala social deve dar as costas para sua origem e se tornar um “negro de alma branca”.

Santos (1980) traz outra modalidade de racismo, não menos importante do que a qual o negro sofre, o racismo com os índios. Com a sociedade entendendo a cultura negra, orgulhosamente os negros passaram a se intitular Afros, e mais recentemente, blacks. (grifo do autor).

Contínuo na sua idéia, Santos (1980, p.81), “A curiosidade pelo negro e sua cultura é justificável, mas revela também uma coisa: o brasileiro ainda vê o negro como outro, um corpo estranho que merece atenção e estudo”. Nesse sentido o negro e o índio não são considerados brasileiros, apenas teriam contribuído à formação do povo brasileiro. O negro com o vatapá; o índio com o gosto pelas cores fortes. (grifo do autor).

Coloca de forma clara seu pensamento Santos (1980, p.82), “O negro e o índio foram, duramente por 400 anos, os únicos criadores de riqueza – não deram só o candomblé, o cauim, etc – foram eles que criaram tudo, sob o chicote do amo branco, as plantações, os prédios, estradas, os móveis...”.

2.5 O QUE É O BRASIL.

O mito da “democracia racial” tão corajosamente gritado cai por terra quando analisando questões sociais. Os negros na sua imensa maioria exercem funções muito inferiores quando comparados aos demais, e quando são donos de pequenos negócios não tem nenhuma significação econômica (NASCIMENTO, 2016).

Segundo Nascimento (2016, p.131) “A sociedade dominante no Brasil praticamente destruiu as populações indígenas que um dia foram majoritárias no país, essa mesma sociedade está às vésperas de completar o esgotamento dos descendentes africanos”.

Ainda nos dias atuais, é notado que o preconceito está latente na sociedade. Há poucos anos atrás, nos tempos de crise o negro era marginalizado, referiam que os negros em especial teriam que ter paciência por não ter oportunidade, pois o país estava pobre e a abolição a menos de 100 anos, ainda trazia suas marcas, sua ascensão social não se faria da noite para o dia. (SANTOS, 1980).

Culturalmente o afro-brasileiro influenciou muito na vida brasileira, principalmente com suas obras artísticas como talha e esculturas, usadas em rituais ou para decorar seus templos. Sua cultura foi duramente perseguida e ainda hoje muitas obras se encontram expostas em museus, como por exemplo, do museu da polícia, no Rio de Janeiro ou do Instituto Nina Rodrigues, na Bahia. A arte afro-brasileira ou até mesmo a afro-africana, nunca tiveram grande destaque pó não ter a qualidade que a análise científica das obras exigia nos padrões mundiais, o artista negro recusa a domesticação dos costumes artísticos tradicionais, mesmo que lhe custe as pequenas chances de entrar no mercado (NASCIMENTO, 2016).

No século passado, poetas negros como Domingos Caldas Barbosa (1738 – 1800) ou Manoel Inácio da Silva Alvarenga (1730 – 1800), para ter suas obras reconhecidas, seguiram modelos literários europeus, afastando-se das suas origens africanas, essa “branquificação” interior que submetiam, vinha de suas ambições pela aceitação aos níveis mais elevados da hierarquia social (NASCIMENTO, 2016).

A mudança drástica que a entrada do capitalismo introduziu no Brasil era algo totalmente novo e assustador. Vários níveis tais como economia, política e cultura tiveram uma mudança significativa demais nos últimos 50 anos. As novidades trouxeram expectativas, mudanças significavam melhorias e aparentemente direitos iguais a negros e brancos, dependia, porém, do esforço mútuo, a visão da grande maioria. Seria chegada mesmo a hora dos negros terem direito a conquistar seu lugar? Claramente não, houve uma expectativa do aparecimento de uma burguesia negra, porém negros ricos era apenas uma mínima parcela da sociedade, essa que continuava a reprimir os mesmos (SANTOS, 1980).

Apesar de diversos negros terem alcançado lugares importantes e ficarem conhecidos, porém ainda com uma grande linha os separando da igualdade. Como chegamos à essa conclusão? Os brancos os tratavam como uma parcela “ruim, mas boa”, usavam a expressão: ele é negro, mas é legal, como ser negro fosse um grande defeito (SANTOS, 1980).

Por volta de 1930 muitas expressões com discriminação racial e preconceito vieram à tona junto das organizações de lutas negras, essas expressões era desconhecidas pela sociedade, antes os negros não disputavam lugares e direitos com brancos, passando isso à acontecer, chegou com essa novidade a idéia de que as chances estavam aí para todos agora, não era necessário os negros se sentirem inferiores, deviam abandonar a crença de complexo de cor que estavam sentindo e correr atrás de seus objetivos. Essa invenção de complexo de cor teve como intenção culpar os negros por suas dificuldades, afirmar que a culpa deles não crescerem era do próprio medo de tentar, estudar e se dedicar; queriam convencer de que a sociedade brasileira não era de total racista e dependia apenas deles ser responsável de comandar bem suas vidas (SANTOS, 1980).

Notoriamente o negro passa por uma discriminação social muito forte, que muitas vezes lhe é negado o simples fato da dignidade de morar em um lugar com as mínimas condições de higiene, ou até menos poder trabalhar em um ambiente digno e seguro, ter uma alimentação adequada para sua

saúde, acaba por assim sendo entregue a mercê da própria sorte, não havendo se quer a chance de poder mostrar que pode de fato ser um bom trabalhador, uma pessoa honesta dentro da sociedade. Esse genocídio camuflado por assim dizer pode trazer muitas conseqüências para sociedade, dentre elas a marginalização das pessoas que abandonadas pela sociedade sofriam com a fome, desemprego, analfabetismo entre outros problemas graves (NASCIMENTO, 2016).

A sociedade brasileira nunca se desvencilhou dos traços do racismo, traz historicamente traços hierárquicos e desiguais. Mesmo passando os anos, não consegue barrar os anseios de igualdade e os ideais individualistas que serviam aos grupos subalternos, sua mobilização social e política. No Brasil o preconceito e a discriminação racial não ganharam relevância e atenção necessária, moral e politicamente, assim como em outros países. Muitas vezes o negro é submisso com essa situação, sua aceitação de certa forma ajuda na continuação desse modo de pensar, que de fato o negro é ainda símbolo de massa serviçal, e deve aceitar seu lugar inferior na escala social (GUIMARÃES, 2008).

3 CONCLUSÃO

O negro sempre foi discriminado e marginalizado pela sociedade em geral, nossa dívida histórica com esse povo, está longe de estar paga. Somos fruto de uma cultura que traz consigo uma ideologia distorcida e retrógada sobre nossos iguais. Sendo que sua contribuição histórica, ora no trabalho árduo no chicote do amo ou na sua cultura, influenciaram significativamente nossa cultura.

A falta de oportunidade e consideração que sempre foi tratado o negro no meio social, mostra que influenciou e muito sua situação sócio-econômica nas camadas de uma sociedade racista e hipócrita, que fantasiava a aversão que tinha pela raça. O negro mesmo tentando alavancar sua situação na

escada social, não lhe é dada oportunidade, aumentando ainda mais a diferenças entre raças.

Notoriamente a educação está muito falha e muitas vezes é responsável direta, pois não está cumprindo seu papel primordial que além de ensinar a diversidade dos povos, também mostrar que deve-se respeitar o próximo indiferente das suas particularidades. Somos primeiro de tudo pessoas, humanas, isso não pode haver diferenciação por causa de características anatômicas, isso nada mais é do que uma imensa ignorância de um povo o qual deve honrar seu povo indiferente qual raça, pois acima de tudo somos seres racionais e não devemos deixar um pensamento grosseiro assim se enraizar numa sociedade com tantas diversidades como é nosso Brasil.

REFERÊNCIAS

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Preconceito racial: modos, temas e tempos. – São Paulo: Cortez, 2008 – (preconceito; v.6).

NASCIMENTO, Abdias do. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. – I. ed. – São Paulo: Perspectivas, 2016.

NUNES, Sylvia da Silveira. Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 89-98, mar. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772006000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 14 maio 2021.

SANTOS, Joel Rufino dos. O que é racismo. – 1ª ed. – São Paulo: Brasiliense, 1980.

Santos, Josefina Serra dos et al. BRASIL E O SISTEMA RACISTA. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/opiniao/2020/07/11/internas_opiniao,871316/artigo-brasil-e-o-sistema-racista.shtml#tags. Acesso em 14 de maio de 2021.

Sobre o(s) autor(es)

Raied Issa Said Mizher, Formando em Direito pela Universidade do Oeste de Santa Catarina-Unoesc, campus de São Miguel do Oeste, e-mail: raiedissa_m@hotmail.com.

Gerson Luiz Henkel, Formando em Direito pela Universidade do Oeste de Santa Catarina-Unoesc, campus de São Miguel do Oeste, e-mail: gerson_henkel@hotmail.com.

Igor Airton de Souza, Formando em Direito pela Universidade do Oeste de Santa Catarina-Unoesc, campus de São Miguel do Oeste.

Peterson Fernando Schaedler, Mestre em Direito pela Universidade do Oeste de Santa Catarina, professor do Curso de Direito da Univesidade do Oeste de Santa Catarina-Unoesc, e-mail: peterson.schaedler@unoesc.edu.br.